

LINGUAGENS DO SPRAY: AÇÃO COLETIVA DE DESPREZO E IDENTIDADE NO CENTRO DE GOIÂNIA

Clovis Carvalho BRITTO*

RESUMO

Este artigo analisa a prática da pichação como ação coletiva, congregando as categorias de desprezo e reconhecimento. A partir de concepções teóricas e entrevistas, busca revelar pela prática desenvolvida no centro de Goiânia, especificamente na Praça Cívica, características indicativas de pertença e aversão, de forma a visualizar interações entre grupos de pichadores, na busca pela dominação das territorialidades e elementos de distinção, e a relação entre grupos e sociedade, na tentativa de provocar e demonstrar insatisfações. A pichação assumiria função de ação aglutinadora no desenvolvimento de linguagens, atitudes e formas de vida ímpares num mundo plural, constituindo em exemplo de articulação dos conceitos de sociedade, cultura e ação social.

PALAVRAS-CHAVE: Pichação - ação coletiva - identidade.

Não há como não ver que a história dos tempos modernos apresenta uma seqüência de revoltas de grupos antes aparentemente desinteressantes contra o desprezo ou não-atenção. A história social mais recente tem sua substância – melhor dizendo, seu roteiro – numa série de campanhas para a elevação da dignidade, na qual sempre novos coletivos ousam tomar a dianteira com suas reivindicações de reconhecimento. Violência e idealismo são as línguas universais nas quais os novos grupos forçam os novos interesses; eles são os efeitos especiais que no moderno palco político inevitavelmente despertam a atenção.

(PETER SLOTERDIJK, “O desprezo das massas”)

“Existem [grupos sociais e] organizações de todos os tipos, formas e tamanhos” (OLSON, 1999, p. 17). O pensamento de Olson, um dos principais teóricos da ação coletiva, traduz a complexidade dos sistemas de ação e indica uma significativa linha de pesquisa que vem adquirindo espaço no meio acadêmico. Os estudiosos das ciências sociais têm centrado suas avaliações para a ação de grupos, entendida como uma rede de solidariedade que une objetos e objetivos culturais próprios e torna seus membros

* Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília. Linha de pesquisa: Cultura, discurso e práticas simbólicas. e-mail: clovisbritto5@hotmail.com

portadores de similitudes entre si e de características diferenciadoras dos demais agentes do grupo social. Desse modo, surgiram nos últimos anos várias vertentes que centraram seus esforços na busca por um conceito genuíno para o termo ação coletiva ou social.

Todavia, essa referida apropriação poderá tornar-se incessante, assim como a desenvolvida em prol do conceito de sociedade, o que demonstra a necessidade de canalizarmos esforços, não para a formulação de um conceito geral, portador de uma infinidade de ações grupais, mas para a construção de um aparato conceitual que se adeqüe e subsidie trabalhar com as peculiaridades de um grupo pré-determinado.

Utilizamos o termo grupo, de acordo com as formulações de Olson (1999), como forma que caracteriza um número de indivíduos ligados por um interesse comum. Nesse aspecto, pautamos nossa avaliação nos mecanismos geradores da pertença, entre os membros do grupo, e do desprezo, com relação aos excluídos da ação.

Alguns estudiosos apontam para a importância de se observar as relações entre grupos relativamente pequenos, considerados “privilegiados”, por conseguirem obter maior eficiência tanto pela experiência e observação quanto pelas teorias. Porém, no presente estudo, apreciamos um grupo pequeno não por filiar-mos exclusivamente a essa corrente, pois acreditamos ser o tamanho do grupo algo acessório na medida em que uma ação de duas ou mais pessoas pode ocasionar reflexos mais sintomáticos do que a de um grupo considerado grande, mas por questões de disponibilidade de tempo, facilidade para evidenciar as características e para operacionalizar as formulações teóricas em um fato concreto.

Mesmo quando os grupos não se constituem em organizações, seu estudo seria relevante nas análises dos considerados “grupos de pressão” e na denominada “teoria dos grupos sociais”. Esse entendimento conduziu Olson (1999) a afirmar que seria razoável considerar como grupo, duas ou mais pessoas ligadas por uma característica ou ideal em comum. O autor alerta para o fato de que esses indivíduos, resguardados por características identitárias, também possuiriam interesses puramente individuais que os distinguiriam dos demais membros da organização ou grupo.

Considerando tais implicações, definimos como objeto de estudo a instituição de uma reflexão sobre a pichação nos monumentos históricos da Praça Cívica, em Goiânia. Avaliação que, segundo compreendemos, possibilitou articular arcabouço empírico e bibliográfico.

No período de seleção de textos para a fundamentação teórica, deparamos com uma matéria reveladora intitulada “O graffiti e sua função social” disponibilizada em

meio eletrônico no endereço citado na bibliografia deste artigo. O referido texto apresenta uma entrevista com Kboco7, um dos que, conforme o vocabulário dos pichadores, “mandam” em áreas consideradas privilegiadas como o centro de Goiânia, e disponibiliza seu e-mail para interessados em maiores esclarecimentos sobre a temática.

Após duas tentativas, Kboco7 se prontificou a responder nossas questões enviando suas respostas via e-mail em 15.10 e em 17.10.2005, asseverando que

então vamos fazer assim, eu vou te responder todas as perguntas em forma de texto (...) algumas ficaram difíceis de responder, ai tu lê ai e me diz se precisa de mais coisas (...) hoje eu consegui escrever estas coisas ai (...) existe muito folclore e mitos em relação a graffiti e pichação (Kboco7)..

Convém, portanto, ressaltarmos que não consideramos os termos pichação e grafite como sinônimos, apesar de possuírem um mesmo instrumento para a sua exteriorização (spray). Compreendemos o ato de pichar como conduta criminosa e o de grafitar como expressão artística. Assim, a chamada

“estética de rua” do grafite, cuja origem remete ao movimento hip hop, está cada vez mais presente na sociedade. O que pode ser visto em painéis nas ruas de Goiânia, nas coleções de grifes famosas – voltadas principalmente para o público jovem, e em diversas campanhas publicitárias. Enquanto os pichadores desafiam o perigo, driblando a polícia e os grupos rivais para deixar sua marca em locais proibidos, os grafiteiros pintam em apenas locais autorizados e, ultimamente vêm sendo remunerados para isso. Deixando de lado a filosofia do “quanto mais difícil, melhor”, estes artistas podem se dar ao luxo de optar pela proposta mais lucrativa (RINCON, 2004, p. 2).

Mas antes que juízos apressados possam conferir ao trabalho nuances de dogmatismo, ao desconsiderarmos a pichação como expressão artística, convém observarmos que a distinção não se resume ao local em que os símbolos são impressos. Conforme o discurso de um dos pichadores “legitimados” a “mandar” no centro de Goiânia:

as duas coisas são como irmãs, não existiria grafite se não tivesse vindo a pichação primeiro, entende? mas e claro que são diferentes, a pichação é apenas caligrafia, enquanto que o grafite envolve técnicas de artes plásticas. O grafite é como se fosse uma evolução do picho, afinal de contas "nada se cria , tudo se transforma", e se hoje em dia existem pessoas que pintam

grafite e conseguem viver de seu trabalho, poder conhecer o mundo, pagar suas contas, é maravilhoso, você não acha? é a evolução natural a que todas as coisas estão sujeitas na vida, nada é estático (...) Mas a essência da pichação é realmente transgredir os padrões, assim como qualquer outra forma de arte, é muito inocente falar que grafite é bonito e pichação é feio e suja a cidade, falar isso e como ser "usado" (KBOCO7).

Alguns pichadores, em suas declarações, se consideram grafiteiros como forma de proteção aos juízos depreciativos remetidos pelo termo pichação. Todavia, confessam haver distinções importantes: considera-se gênero as formas de inscrição urbanas das quais a pichação, a grafiteagem, assim como as inscrições publicitárias e panfletárias, dentre outras, constituem espécies.

Consideramos a pichação como representação de um grupo específico, uma das “formas mais sutis de dar vazão ao descontentamento e à falta de expectativa” (GITAHY, 1999, p. 24). Dessa forma, pretendemos analisá-la como linguagem social, resultante de uma ação que delimita espaços sociais grafados pelo desprezo e ao mesmo tempo pela identidade. Como referencial principal adotamos as formulações de Sloterdijk (2002), na observância da pichação como ação coletiva na relação entre os integrantes de determinado grupo e outros grupos de pichadores e na relação dos grupos e a sociedade. Assim, a ação ao mesmo tempo em que firmaria o desprezo geraria a identidade do grupo, contrariando nossas primeiras pretensões: na proposta inicial: vislumbramos a possibilidade de caracterizar a pichação como ação de massa em que as diferenças se baseavam na igualdade, porém com o decorrer das pesquisas, observamos que, para os membros do grupo, cada desenho apresenta-se como um código, um “alfabeto” particular, que varia entre grupo de pichadores e que tem por finalidade delimitar território e estabelecer a comunicação entre os agentes.

1. Pichação: desprezo e identidade

Para compreender a pichação como ação coletiva é necessário estabelecê-la sob dois focos de análise: um vertical, entre agentes e sociedade em geral, e outro horizontal, entre grupos. A questão possui simplicidade aparente e por isso, devemos observar que o espaço é plural e as lutas simbólicas apresentam clivagens globais e

variadas, configurando um espaço dúplice de conflito entre desprezo e reconhecimento. A pichação, definida como ação coletiva, apresenta-se como forma de criação e recriação de formas de vida específicas em espaços plurais.

Segundo Lara, as representações ultrapassam o vandalismo e atingem o mundo simbólico, como forma de afirmação. Dessa forma, elas constituem uma “forma de comunicação fechada, executada inicialmente por um único indivíduo, mas que, em seguida, passa por um processo de identificação coletiva a ser realizada por grupos” (APUD MASSON, 2004, p. 1).

No mesmo sentido, Tarde ao estudar o público e a multidão, ressalta a importância da crença, do elo comum que nutre os indivíduos a agirem em prol de determinado interesse. Segundo ele ensina, a distinção principal que deve ser observada “é a fé que corresponde à natureza de seu objetivo ou de sua fé” (1992, p. 53), demonstrando a necessidade do surgimento de uma fé comum capaz de comover ou mover os indivíduos em conjunto. Em sua análise, aprecia que o vínculo existente entre o que ele considera como extremos da evolução social (público e multidão), converge ao fato de que os indivíduos diversos que os compõem coexistem não na harmonização de suas diversidades ou por

suas especialidades reciprocamente úteis, mas em se inter-refletirem, em se confundirem por suas similitudes inatas ou adquiridas num simples e poderoso uníssono – mas com quanto mais força no público que na multidão! -, numa comunhão de idéias e paixões que dá livre jogo, aliás, a sus diferenças individuais (TARDE, 1992, p. 51).

Sloterdijk, acredita que na modernidade as lutas culturais se constituem em relação de interesses entre ofensores e adutores, portanto, no que ele considera ser um “problema objetivo de reconhecimento”. Em seu raciocínio, demonstra o desprezo, a partir de Espinosa, como objeto fracassado em sua tentativa de conquistar o respeito, afirmando ser “a imaginação de uma coisa que toca tão pouco a mente, que a mente, pela presença da coisa, é mais movida antes a imaginar aquilo que não está na coisa do que aquilo que está” (2002, p. 56).

Com essas contribuições, podemos pensar a ação de pichar como ação de desprezo, com uma desordem externa onde “‘os de fora’ para se utilizar uma linguagem coloquial dos pichadores, na maioria das vezes, a identificam como ato de poluição e vandalismo que, merece apenas, repressão e punição pelo aparelho estatal” (MASSON, 2004, p. 2). A pichação assume, portanto, função de resistência:

Grafite para mim é minha vida, é essa via transgressora, anarquista. Não importa a técnica e sim a vontade. Grafite é meu passatempo, meu ganha pão, minha diversão, minha forma de conhecer o mundo, minha comunicação, meu Jornal Nacional. Vivo e respiro grafite. Como tinta. Estou sempre observando a cidade, se tem coisas novas, planejando nos ataques... e principalmente grafite é o que lava minha alma no meio de tanta porcaria que me cerca, é o que me faz dormir tranquilo. Não me sinto bem quando não pinto. Grafite é isso, intervenção urbana, não se sentir contente com o pouco que nos é oferecido e criar nosso próprio mundo. Pintar grafite somente quando é pago nunca foi e nunca será grafite, grafite é ser cara de pau, marcar a cidade o máximo possível, ser visto, lembrado, se não for atrevido você é engolido pela cidade (Kboco7, “O graffiti e sua função social”, 2004).

a pichação é muito interessante enquanto fenômeno social, as pessoas não gostam porque não entendem o que se escreve, enquanto que uma propaganda, um outdoor, é facilmente assimilado, a função do grafite e da pichação é justamente quebrar esse padrão, se intervém na rua pela vontade, não pelo dinheiro, e não adianta tentar reprimir essas manifestações, elas sempre existirão no ser humano, o problema é muito mais complexo do que sujar as casas das pessoas, se uma pessoa arrisca sua vida para escrever seu nome em algum lugar, acho que não é tão simples assim... para mim qualquer manifestação que quebra os padrões é totalmente valido (Kboco7).

Essa relação de desprezo pode ser considerada fruto de uma insatisfação ofensiva definida pelo “jovem Karl Marx, ao formular a proposição da prática radical-progressiva na sociedade insatisfeita” (SLOTERDIJK, 2002, p. 62). O desprezo se apresenta revestido de radicalidade, observada na confissão:

a cidade nunca poderá me vencer, é uma guerra íntima, tento superar meus próprios limites, mudar a rotina dos pobres seres que habitam o cinza, nem que seja por alguns segundos, tirá-los da realidade e levá-los ao mundo da magia... (KBOCO7).

Dialogando com o sentimento de desprezo, se apresenta o de identidade, de reconhecimento do grupo que consegue promover uma ordem na aparente desordem dos símbolos. Os grupos

buscam demarcar e consolidar o território frente aos adversários e para tal, exercem territorialidade sobre uma área. Ao mesmo tempo, constituem uma identidade própria que procuram insubmeter e contrapor-se aos ditames convencionais do mundo urbano. Para tal, utilizam-se de uma simbologia própria e muitas vezes apenas reconhecível pelos *insiders* (outros pichadores), enquanto os *outsiders*, os consideram como vândalos e marginais (MASSON, 2004, p. 1).

2. Linguagens do spray: marcas coletivas em Goiânia

As linguagens provenientes da pichação relacionam identificação e anonimato, categorias aparentemente contraditórias: “por um lado, busca-se manter o anonimato frente ao Estado, seus instrumentos de repressão e a própria sociedade, e por outro, busca-se o reconhecimento, o identificar-se perante os membros do seu grupo e dos demais” (MASSON, 2004, p. 3).

As próprias inscrições demonstram esse entendimento: “são constituídas por letras estilizadas ou distorcidas, formando nomes, apelidos individuais ou de gangues. (...) Sua linguagem é praticamente cifrada, de caráter anarquista e se faz compreender somente pelos grupos envolvidos no jogo” (LARA *Apud* MASSON, 2004, p. 2). Observamos uma rede de solidariedade onde, a princípio, um indivíduo troca/impõe influências a outros indivíduos e, até mesmo, existe uma espécie de intercâmbio entre pichadores. Essa aceitação das “normas” constitui um dos fundamentos necessários ao reconhecimento do grupo:

Eu desenho desde criança, minha mãe diz desde os três ou quatro anos. Fugi da escola no segundo grau, não agüentava aquilo... Com quatorze anos tive meu primeiro contato com o grafite, ainda no clima hip hop. Me afastei porque não agüentei ficar preso ao hip hop e durante esse rompimento observei que poderia continuar pintando, mas totalmente afastado do hip hop e com meu próprio estilo. Com isso veio todo o meu aprendizado, minha escola é a rua. Aprendi viajando também, com grafiteiros de outras cidades e países. Morei por um ano em Porto Alegre, fui ao Chile... Minhas influências são as pinturas egípcias, os murais maias, astecas, o que eu vejo na rua, esse aglomerado de cosias sobrepostas, meus amigos... Gosto de Juan Miró, algumas cosias de pop art, arte esquizofrênica... (Kboco7, “O graffiti e sua função social”, 2004).

Compreendendo a pichação como ação coletiva num mundo plural, ela assume função de linguagem e, a princípio, pode revelar quatro significados básicos, conforme demonstra Masson (2004), que podem estar presentes simultaneamente ou não: identificação do grupo, denominação dos pichadores, frases de desafio para outro grupo e frases de cunho contestatório e anarquista.

Observamos, de acordo com os membros do grupo, que “dentro do grafite existem várias vertentes e técnicas, assim como a música... composição sozinho ou em grupo, você pode ter um grupo e fazer também suas coisas sozinho... tudo depende do dia” (Kboco7).

É interessante compreendermos que mesmo “sozinhos” os pichadores refletem as características do grupo: desde o traço característico às formas e cores e até uma espécie do alfabeto particular. Segundo esse raciocínio, “cada tribo, conta com seu próprio linguajar cujas letras possuem contornos diferentes, mas que, entre a galera, podem ser decifrados, uma vez que possuem formas semelhantes” (Rincon, 2004, p. 1).

Todavia, a regra geral é que a ação seja praticada por duas ou mais pessoas para “vigiar o movimento e ver se a polícia não aparece”, gerando especificidades entre os agentes que extrapolam as diferenciações marcadas pelo spray: “as gírias, as roupas acabam singularizando cada grupo, ‘quando a gente sai para pichar todo mundo vai de preto’” (MASSON, 2004, p. 6).

Em Goiânia, conforme dados fornecidos pelos pichadores, existem diversos grupos em atividade. A pichação na capital teria iniciado na década de 80 com o “stencilart – máscaras”, juntamente com o hip hop. Masson (2004), no estudo sobre as “galeras” de Goiânia, destaca inicialmente membros de torcidas organizadas que se antagonizam nas pichações: TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense) e FJG (Força Jovem do Goiás), os quais possuem inúmeros sub-grupos (o grupo maior é denominado comando e os menores legiões); grupos de bairros: BF (Bairro Feliz), BCO (Bombados do Criméia Oeste), BCL (Baixada Criméia Leste), MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia), SNF (Setor Norte Ferroviário); além de grupos com distribuição maior, por áreas, como: UPS (União dos Pichadores Skatistas), OPG (Organização dos Pichadores de Goiânia), GAP (Grupo da Arte Proibida ou Grupo Anti Playboy), PKS (Porrada Komi Solta) e MAG (Mentes Atrás do Grafite).

Analisando entre os “territórios” de Goiânia a Praça Cívica (uma das áreas mais atingidas pela ação dos pichadores) podemos observar como os grupos conseguem transformar áreas públicas em áreas “privadas”, através de uma dominação simbólica. Esses territórios aparentemente fixos, “na realidade são dotados de grande mobilidade através do sistema de conquistas territoriais, as invasões” (MASSON, 2004, p. 3).

É importante ressaltar que a pesquisa proporcionou contrariou as expectativas iniciais, demonstrando uma outra realidade: os pichadores não são em sua maioria meninos de rua desprovidos de capital cultural e econômico progressivamente

acumulado, ao contrário, constatamos como características, discursos bem articulados, a utilização freqüente da Internet como forma de comunicação entre os membros do grupo, o desenvolvimento de estudos em boas escolas, a auto-intitulação de “pertencentes a classe média goianiense”, e a confiança de que: “uma lata de spray não é barata, assim como uma máquina fotográfica, também não é, também não um curso de teatro, uma guitarra também não é barato, um toca-discos...” , concluindo ser a pichação em Goiânia:

meio contraditória, a classe média alta picha e são até muito bundões, não se arriscam muito, não sobem em lugares altos, você pode até reparar que nas ruas dos colégios mais caros da cidade é onde se concentra o maior número de pichos (Kboco7).

Possíveis explicações aos constantes ataques aos monumentos históricos localizados na Praça Cívica se referem, primeiro, a localização privilegiada, forma de dominação e demarcação do centro da cidade, “território” representativo. Nele, “comandam” os grupos que detêm maior poder simbólico no campo dos pichadores por ser um ponto central, de confluências, onde as informações podem circular com maior fluidez. Esse espaço constitui motor de uma luta constante, portanto, não é raro “invasões” e “anulações”: no vocabulário dos pichadores “invasão” é quando um pichador de um grupo deixa a sua marca em uma área ou setor de outra facção, como sinal de afronta. Já “anulação” seria uma forma de manter o poderio e a distinção no campo, e se evidencia quando os “donos” da área “invadida” inserem com spray da cor de sua denominação uma linha reta no meio da pichação feita pelo grupo “invasor”.

Outro elemento motivador da praça central como alvo predileto dos grupos, seria a própria representação da insatisfação com os problemas sociais, é na Praça Cívica que estão situados importantes órgãos públicos das mais diversas áreas, administrativa, jurídica, cultural, dentre outras:

é o coração da cidade, agora eles estão tentando revitalizar o centro, esta história de *art decó*, mas os pichos lá são de três anos, só tem novo no Museu Zoroastro porque sempre é repintado, ou seja, a pichação é para provocar mesmo, mas aqui os caras provocam bem pouco (Kboco7).

A pichação assumiria, neste caso, função de materialização da insubordinação e descontentamento com o sistema vigente, definido pelo pichador: “a função da arte é transcender os padrões do dia-a-dia, fazer as pessoas respirarem, todas essas coisas que

oprimem o ser humano”, e por Marx ao afirmar que “a libertação da classe oprimida implica, pois, necessariamente, a criação de uma sociedade nova” (Fernandes, 1983, p. 39).

Nunca é desnecessário apresentarmos a importância das lutas culturais, travadas entre grupos e grupos, grupos e sociedade e, principalmente, entre indivíduos consigo mesmos, como bem formulou Sloterdijk ao dizer que “cultura (...) é uma diferença para melhor que, como todas as diferenciações relevantes, somente perdurará enquanto e sempre que for feita” (2002, p. 117).

ABSTRACT

BRITO, Clóvis Carvalho. Languages of the spray: class action of disdain and identity in the Goiânia center. *Temporis[ação]*, Goiás, v. 1, nº 9, Jan/Dez 2007.

This paper analyzes the practice of graphite with spray as a collective action congregating the categories of disdain and recognition. From theoretical conceptions and interviews, it searches to disclose the practice developed in Goiânia's downtown, specifically in Praça Cívica. This way of expressing, also indicates characteristics of belonging and forms of aversion to visualize interactions between groups in the search for the domination of the territorialities and elements of distinction and the relations between groups and society in an attempt to provoke and to demonstrate a non satisfaction. The practice of graphite with spray becomes an agglutinant action in the development of languages, actions and uneven forms of life in a diverse world, constituting in a jointing example of the concepts of society, culture and social action.

Keywords: Spray – class action - identity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Florestan. (Org.) *K. Marx, F. Engels: história*. São Paulo: Ática, 1983.

GITAHY, Celso. *O que é grafiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MASSON, José Renato. *Pichadores de rua, territorialidades urbanas em conflito: territórios (in) visíveis de Goiânia*. Goiânia: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2004. Disponível em: <http://www.cibergeo.org/agbnacional/VICBG-2004/Eixo5/e5%20163.htm>. Acesso em 15.10.2005.

O grafiti e sua função social. Goiânia, 20.5.2003. Disponível em: <http://www.cybergoias.com/artesplasticas/grafitti.php>. Acesso em 15.10.2005.

OLSON, Mancur. *A lógica da ação coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

RINCON, Áulus. Linguagem do spray: pichadores possuem alfabeto próprio e sujam muros e prédios com seus códigos. *Diário da Manhã*, Goiânia, 27.5.2004, p. 1, Comportamento.

..... Artes utilizam material semelhante. *Diário da Manhã*, Goiânia, 27.5.2004, p. 2,

SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.